



# CARTA ABERTA DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO AO CONGRESSO DA UMES

*Estudantes,*

Nós, do Partido Operário Revolucionário, saudamos a realização deste Congresso. Não poderia existir momento mais oportuno para reunir os secundaristas. Estamos diante de uma profunda crise econômica, agravada pela pandemia do Coronavírus. O capitalismo mostra, mais uma vez, que não tem nada a oferecer à humanidade, a não ser a barbárie. Há centenas de milhares de mortos mundo afora, com milhões de infectados, registrando um aumento vertiginoso da miséria e da fome. Enfim, para onde se possa olhar, encontramos os sintomas de um sistema em decomposição. E a juventude tem sido golpeada com particular intensidade nesse contexto.

No Brasil, vemos o triunfo da política de ruptura do isolamento social, defendida por Bolsonaro. Prevaleceu a linha explicitada pelo prefeito de Itabuna-BA, de retorno das atividades “morra quem morrer”, verbalizando o realismo capitalista. Trata-se de um reflexo do poder econômico. A burguesia, convém preservar tão somente os seus interesses, nada mais. Mesmo a fração, que no começo da pandemia tentou se passar por “humanitária”, representada por Doria, Maia e outros, agora, se encontra alinhada com Bolsonaro.

Nós, do POR, afirmamos desde o começo da crise sanitária que a orientação científica do isolamento social não era possível de ser aplicada pelos governos, estando ou não de acordo com a diretriz da OMS. Mostramos que para enfrentar o “negacionismo” estúpido do bolsonarismo, os explorados tinham de recorrer a um plano próprio de emergência, que estivesse guiado pelo princípio da independência de classe e pela sua estratégia própria de poder, que é a do governo operário e camponês. Nessa trajetória, explodiram as manifestações contra o racismo desde os Estados Unidos, motivadas pelo assassinato do trabalhador negro, George Floyd. As massas tomaram as ruas, premidas pela indignação diante do racismo e do desemprego, empobrecimento, etc.

No Brasil, coube às torcidas de futebol o papel de convocar os primeiros atos. Neles, pudemos ver uma participação muito importante de jovens. O que explica esse fenômeno é a enorme opressão que recai sobre a juventude, particularmente as mulheres, os negros e pobres. Chegamos ao ponto de uma quantidade de desempregados ter superado a de empregados no país, sendo que uma fatia imensa daqueles corresponde à juventude. Na Educação, o que se vê é o retumbante fracasso do Ensino à Distância, escancarando e ampliando as desigualdades já existentes.

A tarefa do momento, então, é seguir na trilha dos atos de rua, da ação direta das massas. Estamos diante da necessidade de lutar por um plano de emergência, que defenda emprego e salário à juventude; que firme uma posição clara em favor da saúde pública para todos, colocando imediatamente a rede hospitalar privada à disposição da população, além de

defender a bandeira de estatização de todo o sistema de saúde, sem indenização; é preciso lutar pela revogação de todas as medidas antinacionais e antipopulares aprovadas nos governos Temer e Bolsonaro. Enfim, os participantes deste Congresso virtual da UMES têm diante de si a tarefa de dar resposta às necessidades urgentes do conjunto dos explorados, guiando-se pela política do proletariado.

É muito importante observar, ainda, o problema do método de luta. Não estamos de acordo com a utilização do meio virtual para tomar as decisões. Este Congresso deveria estar acontecendo presencialmente. O argumento de que as aglomerações colocariam em risco os participantes está vencido, não cabe mais. Não há mais quarentena. A burguesia determinou a sua liquidação, sujeitando os explorados ao risco de contaminação, além de impor a retirada de direitos

Em São Paulo, Doria e Covas indicaram o retorno às aulas em setembro. Sendo assim, fomos colocados diante da seguinte situação: se não nos mobilizarmos, a política burguesa seguirá o seu curso e seremos expostos às aglomerações nas escolas, nos transportes etc. As ações virtuais não serão capazes de reverter esse caminho, assim como as medidas judiciais e parlamentares. Não podemos cair nessas armadilhas! Alimentar ilusões nesse caminho fará com que sejamos empurrados para o abate! Está evidente que não há condições para retornarmos às escolas, ainda mais quando a curva de mortos e infectados segue tão alta. No entanto, os governos e a burguesia estão decididos a irem em frente com o fim do isolamento social.

É preciso organizar a luta para evitar o pior! Não há outra via, a não ser convocar as assembleias. Somente os estudantes, em aliança com os trabalhadores e as famílias devem decidir se há condições ou não para a retomada das atividades. Os explorados jamais podem colocar o seu destino nas mãos da classe inimiga. E para atuar com independência de classe, não podemos estar dissolvidos, cada um em sua casa, fora dos nossos locais de estudo, caso contrário, não conseguimos nos erguer como força social coletiva para enfrentar os ataques da classe dominante e dos governos.

***De nada adianta dizer que as ações presenciais nos exporiam ao risco de contágio. É preciso encarar o problema de frente: o isolamento social, que sempre foi parcial, agora foi rompido por completo. Sem a resistência unitária dos estudantes, trabalhadores e famílias, prevalecerá o plano de retorno ditado pelo poder econômico. Aí sim, o resultado será desastroso, com uma infinidade de contaminados e mortos. É preciso por em pé um movimento por emprego, salário e em defesa da saúde e educação públicas!***